



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA REFLEXÃO SOBRE OS BENEFÍCIOS PARA
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM UMA ESCOLA DE
MÚSICA EM CERES-GO**

FLÁVIA ROSA CARNEIRO DE FREITAS

Ceres
2014

FLÁVIA ROSA CARNEIRO DE FREITAS

**EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA REFLEXÃO SOBRE OS BENEFÍCIOS PARA
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM UMA ESCOLA DE
MÚSICA EM CERES-GO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a obtenção do
título de Licenciado em Música na Universidade
de Brasília.

Orientadora: Uliana Dias Campos Ferlim

Ceres
2014

Dedico este trabalho à Deus;

Ao pai dos meus filhos pela paciência e companheirismo em todas as viagens ao Polo;

À minha filha, Iasmin, por me ensinar o que realmente é ser especial...

AGRADECIMENTOS

Ao professor Walmir Marcelino pelas orientações iniciais com sua experiência com alunos deficientes e termos atualizados.

À professora Uliana Dias Campos Ferlim pelo acompanhamento nesse fim de trajetória com suas sugestões, correções, indicações bibliográficas.

Aos colegas desse curso de Licenciatura em Música que foram muito companheiros durante todo nosso percurso.

Agradeço a Deus pela oportunidade de trabalhar com a música nesta vida, por iluminar e direcionar meu caminho.

Levanta-te e vá para o meio deles!

Porque é você quem está distante.

Porque é você quem pode “ir”.

Porque foi você quem se afastou.

É você quem está “fora”.

*Chegou, pois, o momento de vocês, normais, se incluírem no meio deles (anormais) para apoiá-los, para torná-los mais felizes com a sua presença, com o seu carinho. Porque é verdadeiramente por aí que se conseguirá a perfeita “inclusão”. Depois que todos nós "os normais" nos incluirmos, eles, simbioticamente estarão “incluídos”. Isto é: nós é que temos que nos aproximar deles, levando-lhes solidariedade, amor e carinho. Temos que nos penetrarmos no meio deles primeiro, para que eles nos conheçam, e para que nós conheçamos as suas reais carências, seus sentimentos, suas capacidades, suas potencialidades e assim, vençamos o nosso preconceito e o **receio da convivência**”.*

“Replica à Campanha da Fraternidade”, 2006

*Professor Nestor Hallais França
Presidente da Associação de Proteção ao Excepcional
Betim - MG*

RESUMO

O tema deste trabalho compreende a análise da importância da educação musical para o aprendizado dos estudantes com deficiência intelectual. Nas últimas décadas têm sido crescentes as discussões sobre a importância da Educação Inclusiva no sistema de educação atual. Além disso, é evidente a necessidade de se aprimorar a educação das pessoas com necessidades especiais. A partir disso, a música tem se mostrado uma importante ferramenta para o desenvolvimento, em todas as áreas da vida, das pessoas com deficiência intelectual. O objetivo geral deste trabalho é investigar como pais e responsáveis percebem os benefícios do aprendizado da música para o desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual. Os objetivos específicos são: entender a importância da música na Educação Inclusiva; levantar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, informações sobre a educação musical na vida das crianças com deficiência intelectual e; analisar, a partir dos dados levantados, os efeitos da aprendizagem musical para os sujeitos da pesquisa. Os principais autores da revisão bibliográfica são Cybelle Loureiro (2006), Maria Teresa Mantoan (2005), Roque Strieder e Rose Zimmermann (2010). A metodologia utilizada na pesquisa foi a entrevista semi-estruturada na qual os pais e responsáveis descreveram como a educação musical influencia os estudantes. A pesquisa apurou que a educação musical tem grande importância para a aprendizagem dos estudantes com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Educação musical; deficiência intelectual; Educação Especial; Educação Inclusiva

ABSTRACT

The theme of this work includes the analysis of the importance of music education for the learning of students with intellectual disabilities. In recent decades have been increasing discussions about the importance of Inclusive Education in the current education system. Furthermore, it is evident the need to improve the education of people with special needs. From this, music has been an important tool for development in all areas of life of people with intellectual disabilities. The overall goal of this work is to investigate how parents and guardians perceive the benefits of learning music for the development of students with intellectual disabilities. The specific objectives are: to understand the importance of music in Inclusive Education; to obtain through semi-structured interviews, information on music education aimed at children with mental disabilities and; analyze from the data collected the effects of musical training for the research subjects. The principal authors of the literature review are Cybelle Loureiro (2006), Maria Teresa Mantoan (2005), Roque Strieder and Rose Zimmermann (2010). The methodology used in the research was semi-structured interview in which parents and caregivers described how music education influences students. The survey found that music education is of great importance to learning of students with intellectual disabilities.

Keywords: Music Education; intellectual disability; Special Education; Inclusive Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CAPÍTULO 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
1.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	10
1.2 MÚSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	13
2 CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	20
2.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PRESENTES NA PESQUISA	22
3 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS.....	244
3.1 AARON E A PROPRIEDADE DA MÚSICA LHE ACALMAR.....	24
3.2 FELIPE E O GOSTO PELA MÚSICA.....	266
3.3 MARIANA E SUA MELHORA NA COMUNICAÇÃO	2929
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICES	3838

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm sido crescentes as discussões sobre a importância da Educação Inclusiva no sistema de educação atual. Além disso, é evidente a necessidade de se aprimorar a educação das pessoas com necessidades especiais. A música tem se mostrado uma importante ferramenta para o desenvolvimento, em todas as áreas da vida das crianças com deficiência intelectual (STRIEDER E ZIMMERMANN, 2010, p. 145). A discussão sobre este assunto é o tema deste trabalho.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como pais e responsáveis percebem os benefícios do aprendizado da música para o desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual. Os objetivos específicos são: entender a importância da música na Educação Inclusiva; levantar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, informações sobre a educação musical na vida das crianças com deficiência intelectual e analisar, a partir dos dados levantados, os efeitos da aprendizagem musical para os sujeitos da pesquisa.

A justificativa para este trabalho baseia-se em meu contato com pessoas especiais, principalmente crianças, pois tenho um irmão e uma filha com necessidades especiais. Por isso sempre estive muito perto dessas necessidades e a música é parte fundamental no desenvolvimento de minha filha. Algumas pessoas, pais, mães e responsáveis por menores, procuram minha escola para que possamos trabalhar juntos estimulando o desenvolvimento de seus filhos através da educação musical às vezes até indicado por especialistas como: neurologistas, psicólogos e fonoaudiólogos. Acredito também na perspectiva de que atualmente não há mais espaço para atitudes e sistemas que negligenciem a participação de qualquer grupo de pessoas na sociedade. Dessa forma, é fundamental debater assuntos que promovam e entendam inclusão social em sua plenitude. Portanto, é de grande relevância estudar a Educação Inclusiva e Musical de pessoas com necessidades especiais.

No primeiro capítulo será abordada a fundamentação teórica, onde serão apontados os principais conceitos e evolução histórica sobre Educação Inclusiva, Educação Especial e a importância do aprendizado da música para pessoas com deficiência. No segundo capítulo será descrita a metodologia utilizada na pesquisa, no caso a entrevista semi-estruturada. Já no terceiro capítulo será realizada a análise dos dados levantados pelas entrevistas. Nas considerações finais serão demonstrados os resultados obtidos na pesquisa.

1 CAPÍTULO 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Educação Inclusiva e Educação Especial são dois conceitos inseparáveis quando se fala na evolução do sistema de ensino-aprendizagem para esse público, assim como o próprio entendimento e recepção social das pessoas com necessidades educacionais especiais. Dessa forma, neste capítulo, será realizada uma abordagem sobre esses conceitos associados à importância da música para o desenvolvimento psicossocial das pessoas inseridas neste contexto.

1.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Antes de entrar na discussão da Educação Inclusiva e Educação Especial propriamente dita é interessante observar o conceito de educação descrito por Domingos (2005):

A educação é vital para o homem como o próprio ato de sobreviver, no sentido de preservar sua frágil existência e assegurar sua evolução. Apresenta-se como elemento fundamental para a sobrevivência da espécie humana, para o desenvolvimento da civilização e para a plenitude da vida individual. Com a educação, o homem acomoda-se ao meio em que vive a ponto de ser ele tão importante e fundamental quanto o ato de procriar ou de desenvolver-se na vida social. Nesse sentido, a educação é a própria humanidade. (p. 68-69).

A partir deste trecho que descreve e conceitua a educação é possível de antemão mensurar a importância do aprendizado para o desenvolvimento da humanidade. A autora encerra suas palavras dizendo que a educação é a própria humanidade. Considerando isso é nítido perceber que a educação e o aprendizado de qualidade são essenciais para o desenvolvimento de todo indivíduo, de todo ser humano.

Dessa forma, a educação inclusiva tende a subsidiar e alcançar àqueles que têm alguma necessidade educacional especial, ajudando que eles superem suas dificuldades e desenvolvam-se integralmente como cidadãos. Cabe dizer ainda que a educação inclusiva não engloba apenas pessoas com deficiências físicas ou mentais, mas também qualquer tipo de pessoa que se encontre excluída do padrão regular de ensino, seja por motivos sociais,

econômicos, raciais, religiosos ou qualquer outro. Entretanto, este trabalho tem na educação inclusiva para estudantes com deficiência intelectual.

Outro ponto de grande relevância para a compreensão da escola inclusiva trata-se da noção de necessidades educacionais especiais. Segundo Frias e Menezes (2009, p.7), essa expressão deve ser “utilizada para referir-se às crianças e jovens, cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender”. Com isso, outras expressões que tenham caráter pejorativo devem ser evitadas com o objetivo de dirimir o preconceito e o estereótipo negativo em relação às pessoas que precisam de acompanhamento diferenciado durante o aprendizado escolar.

A iniciativa da inclusão de pessoas com necessidades especiais na educação regular não é uma ideia tão recente. No que se refere ao Brasil, a partir do final dos anos de 1980 esta iniciativa ganhou mais notoriedade devido a algumas conferências internacionais e documentos produzidos.

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais realizada em Salamanca na Espanha no ano de 1994 teve o Brasil, entre outros países, firmando o compromisso de reformular seu sistema de ensino e a garantia da inclusão, através do acesso de pessoas com necessidades especiais no ensino comum.

Em 1996, a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN - tratou da educação especial definindo os princípios da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Para melhor entendimento das definições sobre escola e educação inclusiva, Strieder e Zimmermann (2010) fazem a seguinte colocação:

A escola inclusiva não faz distinção entre seres humanos, não seleciona ou diferencia, com base em julgamentos de valores como “perfeitos ou não perfeitos”, “normais ou anormais”. Ela oferece condições e oportunidades, livre de preconceitos, de conhecer, aprender, viver e ser. (p. 148).

Em seu texto os autores trazem uma abordagem bem humanística da escola inclusiva, uma vez que apontam os valores sociais e pessoais como os principais elementos da inclusão de pessoas com necessidades especiais na escola.

Certamente, a mudança de valores é de essencial importância para a inclusão de pessoas e, nesse caso, crianças na educação regular. É importante dizer que a educação tradicional busca padronizar formas de pensar e agir.

Desse modo, fica evidente que a ideia de estereótipos “perfeitos ou não perfeitos”, “normais ou anormais” não são compatíveis com a educação inclusiva, visto que, trata-se de inserir crianças que precisam de acompanhamento diferenciado em um ambiente já marcado por padrões físicos e de pensamento.

Para além da escola, outro aspecto ainda mais abrangente seria a educação inclusiva. Como seria possível que uma minoria (crianças com necessidades especiais) conseguisse adequar-se ao método de ensino-aprendizagem de crianças com capacidades diferentes? Do que realmente se trata a educação inclusiva?

A educação inclusiva no Brasil ou a falta dela não é apenas um fenômeno educacional como aponta Ferreira (2005). Segundo ele, todas as crianças que possuem barreiras para a escolarização, não apenas aquelas com deficiência, são denegridas pela sociedade. Ou seja, a coletividade não se incomoda em não aceitá-las uma vez que estão fora dos padrões.

Portanto, educação inclusiva é uma ação que possibilita maior equidade abrindo horizontes para desenvolver sociedades inclusivas, cria expectativas diferentes e tem como princípio o envolvimento da coletividade. Como descreve Maturana (1999, p. 29) “a criança incluída é aceita como capaz de interagir com o meio escolar. Incluir é oportunizar a convivência, que respeita as diferenças e não as anula”.

A equidade certamente é um dos pontos relevantes quando se fala em inclusão social. A equidade está estritamente ligada à diversidade. Esta permite a troca de experiências pessoais, admite o intercâmbio de variadas formas de pensar e agir, ou seja, a diversidade deve ser preservada e assegurada para o enriquecimento do convívio e aprendizado humano.

Strieder e Zimmermann (2010) abordam com clareza a percepção da diversidade na inclusão educacional e o quão complexa é a aceitação dessa inclusão pelo ser humano:

Quando a educação inclusiva é aceita, abandona-se a ideia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo. Ela também requer a superação da tradicional concepção antropológica de seres humanos ideais, sempre dispostos a uma entrega generosa em prol do bem comum. É difícil

para o ser humano estar em contato, estar presente e confirmar o outro, suspendendo seus preconceitos, permanecendo aberto para a alteridade, sem que haja qualquer diferença visível ou manifestação de necessidades especiais. (p. 146).

Mas se a diversidade faz bem para o convívio e aprendizado humano, como pode ser tão difícil a inclusão de crianças com necessidades especiais na escola?

Não é fácil reconhecer a diversidade quando não se percebe “a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno” (MORIN, 2003, p.55). A diferença é comumente vista como anormalidade. Resultando muitas vezes na exclusão ou marginalização dos indivíduos que possuem características diferentes daquelas estabelecidas pela sociedade.

Segundo Morin (2003, p. 55), é essencial “proteger o desvio” apesar das forças institucionais para reproduzir as “padronizações”. É importante favorecer e proteger os “desvios” para criar espaços de discussão, observar as diferenças para perceber que cada ser é único e não uma engrenagem padrão da sociedade.

A inclusão numa perspectiva educacional especial visa, portanto, oferecer oportunidades àqueles estudantes que enfrentam alguma dificuldade no ensino regular de aprendizagem. Com isso, eles devem ter um atendimento diferenciado que lhes permita desenvolver com qualidade e plenitude suas potencialidades.

1.2 MÚSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

O estudo da música como elemento fundamental na educação para pessoas com necessidades especiais tem seus fundamentos históricos em dados coletados dos estudos desenvolvidos por Esquirol (1748). Ele descreveu a importância da música como um agente de reforço no tratamento e educação dos “insanos” (PETERS, 1987).

O estudo dos benefícios do uso da música nos hospitais, instituições e na educação teve início no começo do século XIX, com pesquisas realizadas na psiquiatria. De 1804 a 1806 vários trabalhos foram realizados na Universidade da Pensilvânia coordenados pelo psiquiatra Benjamin Rusch, que constatou a necessidade de se formar indivíduos especializados em música e com conhecimento nas diversas patologias psiquiátricas para

atuarem no atendimento clínico ou educacional dos internos, das instituições. O primeiro atendimento hospitalar que contou com profissionais com estas especificidades foi o Utica State Hospital, em Nova Iorque, no ano de 1892. (LOUREIRO, 2006).

Entre 1817 e 1850 a música era bastante usada nos asilos e nas primeiras escolas residenciais. Cresceu, paralelamente, o movimento de desinstitucionalização ou remoção das crianças que apresentavam atraso do desenvolvimento dos orfanatos e instituições. Na Europa e nos Estados Unidos os estudos passaram a focalizar as avaliações e programas de tratamentos dos internos questionando sua adequação. (HELLER, 1987 *apud* LOUREIRO, 2006).

Foi iniciada em vários países uma nova linha de pesquisa desenvolvendo especificamente o que passou a ser chamado de educação especial e que consistia na modificação dos métodos da prática de ensino com o objetivo de atender os aspectos diferenciados do processo de aprendizagem do aluno especial. O termo especial apontava o indivíduo diferenciado por alguma qualidade fora dos padrões, incomum e não tradicional ao regular (ROSS, 2000).

As escolas residenciais e instituições passaram a se organizar para atender a cada tipo de patologia específica, dando atenção principalmente para casos mais graves e órfãos. Com isso, a preocupação com o desenvolvimento educacional do chamado “débil” ainda estava voltada mais para a doença e saúde do que para o aprendizado escolar (KIRK; GALLAGHER, 1979).

Edouard Seguin (1812-1880) e Maria Montessori (1866-1912) são considerados pioneiros na adoção do posicionamento de que mesmo os casos clínicos mais graves poderiam ser amenizados por meio de um ensino especializado voltado para a estimulação sensorial. Assim deram origem à abordagem ambientalista nos desvios mentais (SMITH; NEISWORTH, 1975.).

Para esses estudiosos o meio-ambiente, apreendido pelos sentidos, constitui a fonte das variáveis responsáveis pelo tipo, direcionamento e padrão de desenvolvimento de cada indivíduo. Seguin acreditava que, com paciência e determinação, mesmo a criança mentalmente deficiente poderia ser educada (SMITH; NEISWORTH, 1975).

Em 1837, ele criou uma escola que atraiu profissionais de todas as partes do mundo para observar seu método de trabalho. O médico que havia nascido e desenvolvido seus trabalhos na França, mudou-se para os Estados Unidos em 1850, onde se tornou figura central no desenvolvimento de programas educacionais.

Seguin foi um dos responsáveis pela criação da American Association on Mental Retardation (AAMR) – Associação Americana em Retardo Mental – primeiro órgão dedicado aos vários problemas desde a infância até a idade adulta dos que passaram a ser chamados de portadores de retardo mental.¹ Seu programa educacional incluía a música nas atividades acadêmicas e sociais, bem como no desenvolvimento da linguagem e de habilidades motoras. Devido aos seus esforços, várias instituições e escolas particulares usavam o piano e instrumentos de percussão para aprimorar as tradicionais técnicas de ensino nessa patologia (KRAFT, 1963 *apud* LOUREIRO, 2006).

As teorias e métodos educacionais de Montessori foram inicialmente desenvolvidos a partir de seu trabalho com os diagnosticados como portadores de retardo mental. Aprimorando os estudos de Seguin, ela utilizou uma abordagem mais analítica enfatizando o uso de técnicas de ampliação na estimulação multissensorial e motora. Seu trabalho foi uma importante contribuição para a musicoterapia na educação especial por estar totalmente voltado para a didática na deficiência.

No ensino da leitura ela usava além de cores e desenhos, a música e movimentos rítmicos enfatizando o som das letras no ensino da fala e linguagem dessas crianças. Nos casos de comportamento hiperativo ou agitado ela sugeria a diminuição específica dos estímulos visuais e auditivos para reduzir a distração na aprendizagem. Nos casos contrários, o dos hipoativos ou lentos, utilizava um aumento dos recursos do meio-ambiente educacional (LOUREIRO, 2006).

¹ Retardo mental de acordo com a AAMR, diz respeito a um rendimento intelectual abaixo da média. Está associado a uma alteração do comportamento psicológico, motor e social que significa maturação, aprendizagem e ajustamento social diferentes do padrão, causados normalmente por alguma deficiência individual (LOUREIRO, 2006).

Para ela não havia regras especiais no processo de ensino e aprendizagem. Segundo ela é a curiosidade da criança que a leva a conhecer o mundo a sua volta e que tais procedimentos, acelerariam e ampliariam sua aprendizagem. Seus métodos de ensino para pessoas com deficiência foram amplamente usados por mais de meio século (MONTESSORI, 1965 *apud* LOUREIRO, 2006).

Seguin e Montessori são, portanto, citados como uns dos principais precursores da utilização da música na educação especial e ainda como uns dos primeiros defensores do uso da música nos programas educacionais para portadores de retardo mental.

No final do século XIX e início do século XX, as ideias de Seguin e Montessori na educação foram desenvolvidas por Samuel G. Howe. Ele acreditava que o desenvolvimento de uma criança era produto acumulado de uma contínua interação entre hereditariedade e meio ambiente, o que deu origem à abordagem interacionista (KIRK; GALLAGHER, 1979).

Howe foi o precursor da ideia de que o caminho certo para o desenvolvimento educacional dessas crianças seria dentro e nas escolas comuns em conjunto com os colegas comuns e em todas as áreas possíveis de obtenção de conhecimentos. Com ele surgiu o conceito educacional de integração, termo que indica que a educação do portador de deficiência deve se dar na sala de aula normal, junto aos colegas não deficientes (KIRK; GALLAGHER, 1979). Defendia que essa integração deveria ser a mais próxima possível das demais crianças, facilitando o desenvolvimento máximo de seu potencial.

No início do século XX, as pesquisas passaram a ter como objetivo a identificação dos efeitos de um ambiente mais estimulante no desenvolvimento dessas crianças. Essas tiveram início com os portadores de retardo mental. A partir de então tornou-se visível a necessidade de determinar responsabilidades governamentais diante dos direitos legais dessas pessoas à educação pública.

Dessa forma, foi necessária a criação de critérios de avaliação desses alunos, o que levou no ano de 1904 o ministro da educação do governo francês a encarregar Alfred Binet (1873-1961) e Theophile Simon (1873-1961) da elaboração de um teste que auxiliasse na divisão de crianças com déficit mental em salas de aula apropriadas. Entre 1905 e 1908 eles criaram o primeiro teste de inteligência (LOUREIRO, 2006).

Em 1902, Binet publicou livro no qual propunha que as crianças a partir de dois anos de idade já podiam ser avaliadas de acordo com sua idade mental², o que significa que elas passaram a ser classificadas em relação à capacidade intelectual própria à sua idade cronológica, tomando como critério o atraso escolar. Surgem, portanto, novas e importantes perspectivas na educação. Substituiu-se a ideia de estagnação no desenvolvimento psíquico desses indivíduos pela de atraso do desenvolvimento intelectual (ibidem).

Surgiu em Genebra na Suíça, a partir de 1938, o termo deficiência mental em substituição à palavra anormal, por ser considerada mais específica na definição desse tipo de atraso do desenvolvimento. Nesse período, entre as pesquisas sobre inteligência destacaram-se os estudos do médico inglês J. Langdon Down (1887) com indivíduos que nomeou como *idiot savants*³.

O médico inglês os descreveu como casos raros de talentos extraordinários em música, artes plásticas, matemática, linguística, entre outras habilidades e uma capacidade distinta de memorização que contrariavam com um retardo no desenvolvimento que variava de leve a muito grave. Interessantemente, os casos mais comuns que encontrou foram de indivíduos que apresentavam habilidades específicas em música e particularmente para tocar peças inteiras de ouvido no piano, sem deixar de discriminar a tonalidade correta (TREFFERT, 2005).

Na medida em que o uso da música nas escolas passou a obedecer a procedimentos mais científicos em suas investigações após a implementação das salas de recursos, que consistiam de programas e métodos curriculares apropriados às necessidades de cada estudante, o ensino da música ampliou o atendimento a alunos com diferentes níveis de comprometimento que frequentavam as aulas (LOUREIRO, 2006).

² Idade mental, conceito desenvolvido por Binet e Simon (1908) como meio de expressar o desenvolvimento intelectual da criança. Baseado na ideia de desenvolvimento, uma pontuação representa a média do desenvolvimento da criança com idade cronológica igual a essa pontuação. Nesse tipo de teste o resultado da avaliação de um indivíduo é comparado ao de outros (LOUREIRO, 2006).

³ Dr. J. L. Down, mais conhecido pelos seus estudos na síndrome de Down, afirmou que, embora não aceitasse, até mesmo por soar pejorativo, adotou o termo *idiot* por ser o utilizado nos meios científicos da época e introduziu o termo derivado do francês *savant*, que significa pessoa erudita para designar pessoas com alguma deficiência, porém com extraordinária habilidade em outra área (LOUREIRO, 2006).

Segundo Solomon (1980), ficou evidenciado que o uso da música auxiliava não somente no desenvolvimento de habilidades sociais, mas também na comunicação, memória, habilidades motoras e respostas afetivas, mesmo nos casos considerados mais graves a partir da classificação de Binet.

As classes especiais passaram a fazer parte do sistema de ensino regular a partir de 1940. Em 1948, elas cresceram em número com a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, onde foram firmados princípios de não discriminação e proclamação do direito de toda pessoa à educação (ROSS, 2000).

De acordo com Ross (2000), entre as décadas de 1950 e 1960, passou a ser discutido nos meios educacionais, o conceito de normalização, que tem como fundamento fazer com que a educação da pessoa portadora de deficiência se assemelhe às condições normais da sociedade.

A década de 1950 foi, também, de grande importância para a musicoterapia. O seu uso na educação das pessoas com necessidades especiais cresceu exponencialmente. Peters (1987) afirma que uma maior ênfase aos cuidados e ao desenvolvimento educacional dessas pessoas passa a ser dada pelas agências estatais da Europa e Estados Unidos. Nessa mesma década os Estados Unidos e Inglaterra lideraram os movimentos de formação de associações e cursos de graduação e pós-graduação em musicoterapia.

Com a fundação da *National Association for Music Therapy* (NAMT) - Associação Nacional de Musicoterapia – em 1950 nos Estados Unidos e da *British Society for Music Therapy* – Sociedade Britânica de Musicoterapia em 1958 na Inglaterra estabeleceram-se os critérios para o registro profissional do musicoterapeuta. Nesse período a abordagem da musicoterapia para indivíduos com deficiência passou por critérios de investigação que foram altamente documentados e em particular para os chamados, na época, de portadores de retardo mental (REYNOLDS, 1982).

Segundo Loureiro (2006), esses estudos demonstraram que **o uso prescrito da música contribuiu em grande medida para o desenvolvimento educacional global dessa população no que se refere à sua adaptação social, autocontrole, estabilidade emocional,**

aumento da concentração, percepção sinestésica, coordenação motora e aumento da motivação devido à satisfação na obtenção de conhecimentos (grifo nosso).

No final da década de 1960, várias mudanças ocorreram na educação da criança portadora de necessidades especiais. Ela se voltou para o desenvolvimento educacional no molde que são mais conhecidos atualmente. A partir da década de 1970, no entanto, argumentava-se que a prática exercida na educação especial permanecia inadequada e ainda era privilégio de poucos. Pais, educadores e terapeutas defendiam a ideia de que o indivíduo deficiente poderia ainda desenvolver melhor suas potencialidades (LOUREIRO, 2006).

Além do conceito de normalização, surgiu nos programas de ensino o conceito de inclusão do deficiente no sistema geral de educação. O significado da inclusão passou a ser amplamente discutido, desde o direito à educação para todos, que passou a ser lei pública em vários países do mundo, bem como especificidades no processo de avaliação em favorecimento à sua máxima aprendizagem, qualidade e planejamento do ensino.

De acordo com Loureiro (2006), o desafio da educação inclusiva atinge seu ápice no processo de integração dessas crianças nas salas de aula o mais próximo possível de seus colegas não deficientes, o que evidenciou a necessidade da formação de uma equipe de profissionais especializados. As classes especiais foram substituídas por salas de recursos, que funcionam durante um período dentro do sistema curricular de ensino no qual o aluno recebe aulas de reforço visando sua integração escolar e social.

A partir de 1975, a musicoterapia passou a fazer parte dos programas de educação inclusiva e várias pesquisas na área foram publicadas na Europa, Estados Unidos e América Latina (ADAMEK, 2002). A educação inclusiva passou por várias transformações nos anos de 1980 e 1990 devido aos programas de avaliação e qualificação dos profissionais envolvidos nesse novo sistema de ensino.

Sassaki (2002) aponta que questionamentos em torno das novas ideias em torno da educação dessas crianças são cada vez mais constantes desde então. Diversos eventos e movimentos nacionais e internacionais têm aberto caminhos que possam discutir a inclusão e a transformação do sistema educacional.

Neste primeiro capítulo foi descrito e demonstrado os parâmetros conceituais e históricos sobre Educação Inclusiva, Educação Especial e a importância da música nesse contexto. Adiante, será exposta a metodologia de pesquisa deste trabalho.

2 CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

O objetivo geral deste trabalho é investigar como pais e responsáveis percebem os benefícios do aprendizado da música para o desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual. Os objetivos específicos são: entender a importância da música na Educação Inclusiva; levantar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, informações sobre a educação musical na vida das crianças com deficiência intelectual e; analisar, a partir dos dados levantados, os efeitos da aprendizagem musical para os sujeitos da pesquisa.

O objeto da pesquisa será o processo de ensino e aprendizagem de música em uma escola particular e os sujeitos são os pais e/ou responsáveis pelos alunos com deficiência intelectual. Por esta razão, decorrente do contexto escolar, para um melhor acompanhamento e liberdade para as conversas com os pais e responsáveis, as entrevistas foram realizadas na própria escola de música, sem a presença das crianças.

A justificativa para esta pesquisa baseia-se na perspectiva de que atualmente não há mais espaço para atitudes e sistemas que negligenciem a participação de qualquer grupo de pessoas na sociedade. Dessa forma, é fundamental debater assuntos que promovam e entendam inclusão social em sua plenitude. Portanto, é de grande relevância estudar a Educação Inclusiva de pessoas com necessidades especiais.

A pesquisa terá enfoque qualitativo por ter o objetivo de investigar, a partir da visão dos pais e responsáveis, como a aprendizagem de música pode colaborar no desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual. Segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013), a pesquisa qualitativa tem como características “descrever, compreender e interpretar os fenômenos por

meio das percepções e dos significados produzidos pelas experiências dos participantes”, além de permitir ser realizada com poucos sujeitos.

A técnica de coleta de dados que será utilizada na pesquisa é a entrevista semi-estruturada por ser um dos instrumentos que melhor se enquadra em uma pesquisa qualitativa, por aceitar mais de um sujeito e pelo curto prazo para desenvolvimento da pesquisa.

Para Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos orientam e mantêm o foco da pesquisa e as respostas fornecem os elementos necessários à investigação e análise pelo investigador.

O autor complementa afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Segundo Manzini (2003), o pesquisador deve observar alguns pontos ao formular as questões. São eles: 1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto a sequência das perguntas nos roteiros. A ideia é não deixar o entrevistado coagido, dando o máximo de liberdade para expor seus pensamentos.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que uma boa entrevista começa com a formulação de perguntas básicas, que deverão atingir o objetivo de pesquisa, é possível fazer uma análise do roteiro para identificar a sua adequação em termos de linguagem, estrutura e sequência das perguntas no roteiro.

As entrevistas foram realizadas com os pais e responsáveis dos alunos com deficiência intelectual que frequentam as aulas de música. O critério utilizado na escolha dos sujeitos foram de que os alunos sejam deficientes intelectuais e que os pais ou responsáveis acompanhem o desenvolvimento durante as aulas de música.

Foram realizadas, portanto, três entrevistas semi-estruturadas com duas mães e uma tia de alunos portadores de deficiência intelectual que estão frequentando aulas de música em uma escola de música particular na cidade de Ceres-GO. Em todas as entrevistas foi solicitado que tanto as mães quanto a tia falassem sobre como foi o período da gestação e o nascimento da criança, como é a convivência familiar, o cotidiano, as dificuldades de inclusão; foram avaliadas também as hipóteses de superproteção, a necessidade de acompanhamentos

especializados e as concepções e ideias que levaram os adultos a inseri-los na escola de música.

A partir dessas entrevistas, associadas à fundamentação teórica, o objetivo da pesquisa compreende, como dito anteriormente, investigar como pais e responsáveis percebem os benefícios do aprendizado da música para o desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual. A pesquisa foi executada em escola de música de propriedade da autora, em Ceres-GO. Prestam serviço no local somente a proprietária, como professora, e uma secretária.

As turmas são divididas por idade. A escola possui cerca de 70 alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno, com faixa etária a partir de 8 meses de idade até a idade adulta. Entre as turmas há alunos com diversas deficiências (físicas, intelectuais, auditiva e transtornos psicológicos) juntamente com outros alunos sem necessidades educacionais especiais. A maioria dos alunos têm duas aulas por semana, sendo uma de Linguagem e Percepção Musical coletiva e outra de Prática de Instrumento individual. Todos aprendem a ler partitura, cifras, tocar sozinho e de forma coletiva, também utilizamos um Portal de Educação Musical (Educa Music) para incentivar o estudo da música. Uma vez por mês realizamos momentos de Prática de instrumento coletivo para que os alunos tenham a oportunidade de aprender a ouvir, compartilhar e conhecer outros colegas que estudam música. No final de cada semestre realiza-se um grande recital onde todos possam convidar os familiares e amigos. Atualmente eu sou a única professora na escola, portanto acompanho de perto o desenvolvimento de cada aluno.

O meu propósito da Escola Inclusiva de Música é que portadores e não-portadores possam estudar e conviver com suas aptidões e diferenças, em um ambiente socializador e humanitário, do qual todos nós fazemos parte.

2.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PRESENTES NA PESQUISA

Aluno Aaron – Sexo masculino, atualmente com 4 anos de idade, tem Síndrome de Down. Possui três irmãos mais velhos com 25, 20 e 17 anos de idade respectivamente. Frequenta escola regular particular, semanalmente frequenta um centro de equoterapia onde é acompanhado por uma equipe constituída por fonoaudióloga, psicopedagoga e fisioterapeuta e

também um grupo de crianças com a mesma síndrome no centro de reabilitação em Ceres. Frequenta aula de música desde junho de 2014, no caso, há quatro meses.

Aluno Felipe – Sexo masculino, atualmente com 12 anos de idade, tem Síndrome de Down. Possui um irmão mais novo de 4 anos de idade. Aos 9 meses de idade iniciou na APAE com os acompanhamentos de terapia, massagem, fisioterapia e fonoaudiologia. Aos 5 anos de idade passou a frequentar uma escola regular particular a qual está frequentando até hoje (outubro de 2014). Frequenta aula de música desde outubro de 2012.

Aluna Mariana – Sexo feminino, atualmente com 9 anos de idade, tem uma paralisia cerebral devido a uma má formação do lobo frontal. Foi para escola regular particular desde pequena onde a mãe trabalhava e hoje frequenta uma escola regular pública onde possui professora de apoio. Faz acompanhamento com vários especialistas no Hospital Sara Kubitschek. Frequenta aula de música desde maio de 2013.

Cleide – Mãe de Aaron, trabalha na Secretaria de Saúde da cidade e é uma mãe disposta a provar para seu filho e o pai que a criança pode ser um indivíduo capaz.

Julianne – Mãe de Felipe, farmacêutica. Ficou muito tempo morando longe do filho, mas sempre procurou acompanhar seu desenvolvimento e oferecer estímulos.

Sandra – Tia de Mariana, pedagoga. Sempre acompanhou de perto o desenvolvimento da sobrinha e acredita muito nos estímulos que a música pode oferecer.

3 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS

Como fora colocado no capítulo anterior, a pesquisa deste trabalho baseou-se em entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos da pesquisa, no caso apenas os responsáveis pelas crianças. Dessa forma, será possível analisar os dados obtidos e confrontá-los com a fundamentação teórica. Em seguida, portanto, serão dispostas as entrevistas realizadas com a pertinente discussão sobre os dados elencados.

3.1 AARON E A PROPRIEDADE DA MÚSICA LHE ACALMAR

Na entrevista com Cleide, mãe do aluno Aaron, logo no início de sua fala, ela diz que o filho está fazendo aula de música por interesse dela em buscar o melhor para ele. Sua ideia é que ele progrida em interagir com as pessoas e desenvolva habilidades, de modo a possibilitar que ele venha a se “sobressair” na sociedade.

Corroborando o pensamento dessa mãe, Uricoechea (2003, p. 28) afirma que “A educação musical é importante no processo de aquisição de habilidades básicas para o aprendizado de toda e qualquer criança destacando, sobretudo, as portadoras de deficiência mental”. Dessa forma, segundo o autor, a mãe tem conduzido na direção adequada o desenvolvimento de seu filho.

Aaron atualmente frequenta uma escola regular particular participando de uma turma com crianças da mesma idade. Quando a criança começou, a mãe ficou preocupada, inclusive questionou a diretora se ele estaria em uma sala com crianças da mesma idade pensando que “como ele sempre tem uma dificuldade a mais, ele é mais lento, eu achei que ela ia colocá-lo em uma turma inferior à sua idade”. Porém, a diretora respondeu que ele já iria começar com os colegas da idade dele.

Cleide achou interessante a postura da diretora, porque pensou que como ele tem necessidades especiais vai ser mais lento, talvez ficasse constrangido e dificultaria o andamento da turma. No entanto, a diretora frisou que a princípio, ele iria começar na turma da idade dele e posteriormente seria verificado se ele teria condição de acompanhar a turma.

Martins (2002, p. 27), cita que “Crianças portadoras de deficiência mental, possuem um ritmo próprio no processo de aprendizagem visto que diante de uma tarefa apresentam dificuldades de concentração e dispersam facilmente”. No entanto, essa diferença de ritmos não pode ser utilizada para segregar os alunos. Dessa forma, a diretora agiu de maneira correta quanto ao aluno com necessidades educacionais especiais.

A mãe relata que a escola acolheu bem o aluno e que a professora procurou conhecer sobre os portadores de Síndrome de Down. Inclusive foi até o Centro de Reabilitação conversar com os profissionais que acompanham o caso para poder melhor estimulá-lo em sala de aula. Buscando constantemente conhecer as dificuldades do aluno e incluí-lo em todas as atividades da classe.

Mesmo com as mudanças de professora a cada ano e do perfil de quem está acompanhando as aulas, a escola regular em que está matriculado procura continuar acolhendo-o tendo uma visão positiva da Educação Inclusiva. Vigotsky (1995) é categórico em concordar com essa posição: “É preciso ter uma visão positiva da deficiência, pois uma criança com deficiência não é uma criança defeituosa”.

Quanto ao processo de aprendizagem, Vigotsky (1989, p. 105) diz que o importante é reconhecer como ela se desenvolve e não o impedimento que a deficiência provoca, pois o organismo e a personalidade compensam os processos de desenvolvimento intelectual de forma diferente do padrão, tendo em vista a deficiência da pessoa.

Cleide sempre procura oferecer o máximo de estímulo para ajudar no desenvolvimento de seu filho. Ela acredita que a música tem o poder de acalmar qualquer pessoa e não somente pessoas com necessidades especiais. Essa ideia contribuiu para que ela o matriculasse em uma escola de música.

Ilari e Majlis (2002) apontam que a música pode constituir um estímulo importante para o desenvolvimento do cérebro da criança. O hábito de cantar e dançar com bebês e crianças, presente em praticamente todas as culturas do mundo, auxilia no aprendizado musical, no desenvolvimento da afetividade e socialização, além de contribuir no progresso da aquisição da linguagem.

Nota-se, portanto, que é exatamente isso que essa mãe procura fazer, estimular seu filho de todas as formas que acredita ser importante para o desenvolvimento dele. Quando ela

diz que vai ajudá-lo porque sabe das dificuldades enfrentadas por ele, afirma que as atividades cotidianas e aprendizado são mais difíceis que o “normal”. Todavia, acredita no potencial da criança, sabe que é tudo mais lento, mas sabe que pode ajudá-lo a desenvolver suas habilidades se estiverem juntos.

3.2 FELIPE E O GOSTO PELA MÚSICA

A entrevista com Julianne, mãe do aluno Felipe, é iniciada com o relato de todo histórico da gestação do filho. O pré-natal apontava um bebê sem qualquer deficiência e a “surpresa” chegou cinco dias após o nascimento, quando o pediatra disse-lhes que a criança era “mongoloide”, referindo-se a algumas características físicas (apesar do termo soar pejorativo, devido à informalidade das relações profissionais na cidade, o médico referia-se assim às pessoas com Síndrome de Down).

De início a família relacionou as características que o pediatra havia apontado aos membros da família: a nuca do avô, a boca do “fulano”, as mãos da bisavó, entre outros. Isso porque não queriam aceitar que teriam um filho especial e que aos olhos da família ele era perfeito. Decidiram levá-lo, então, a outra pediatra. A médica deu o mesmo diagnóstico do primeiro, confirmando a criança ser portadora da Síndrome de Down e ainda acusou problemas cardíacos.

A família entrou em desespero ainda mais porque havia um primo em estado grave em um hospital da capital (Goiânia) com problemas cardíacos. Resolveram então ir a um terceiro pediatra, que atendesse por consulta particular, visto que até então estavam consultando em hospitais públicos. A avó levou a criança ao hospital já bastante abalada e solicitou a confirmação ou não dos diagnósticos anteriormente realizados. Ela não se conformava que um bebê tão perfeito pudesse ter algum problema.

O médico então analisou os exames e disse para a avó se acalmar, porque eles tinham recebido um presente e o bebê não tinha nenhum problema cardíaco. Mas, mesmo assim, por

precaução, iriam realizar um exame chamado Ecodopplercardiograma⁴. O exame de fato não constatou nenhum problema cardíaco na criança.

Quanto à Síndrome, os pais e avós esconderam do restante da família durante cerca de quatro meses achando que ninguém iria perceber e quando alguém comentava algo eles abafavam ou ficavam calados. Não queriam contar. Todavia, perceberam que isso era um equívoco e abriram a situação para todos.

Quando a criança estava com um ano e três meses a mãe mudou-se para Brasília e o filho ficou sob os cuidados da avó. A criança, segundo relato da mãe, sempre foi muito bem tratada e permaneceu com a avó durante seis anos. No entanto, a mãe procurava estar sempre presente e saber notícias do filho.

Aos nove meses de idade foi iniciado o acompanhamento junto à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), com a realização de terapias, massagens, fisioterapia e fonoaudiologia, onde ficou até os quatro anos de idade, momento em que a família percebeu que a criança não mais se interessava em frequentar o local.

Apesar de ter deixado o local que era muito importante para o desenvolvimento de Felipe, em casa, a mãe procurava fazer tudo o que era recomendado pelos profissionais: sessões com a fonoaudióloga, instigava o aprendizado constante brincando com nomes de cores, frutas, propunha elaboração de desenhos, números, escreviam nas paredes, utilizavam tinta guache, entre outras atividades. Ou seja, ofereciam muitos estímulos para a evolução intelectual, motora e social da criança.

Percebe-se aqui que esta mãe procurava estimular seu filho de todas as formas possíveis para ajudar em seu desenvolvimento independente de suas dificuldades, acreditando em seu desempenho. Conforme afirma Mantoan (1989, p.161) ao considerar o deficiente mental a partir do que ele é capaz de ser, de fazer, de enfrentar, de assumir como pessoa, revela-se a todos nós e a ele próprio possibilidades que se escondiam e que não lhe eram creditadas por falta de oportunidades. Os pais e especialistas, sobretudo, devem confiar nas

⁴ Exame não invasivo que emprega ondas de ultrassom em alta frequência através de um instrumento (transdutor) colocado no tórax do paciente, dirigido para o coração. Este exame é frequentemente empregado na avaliação dos pacientes com sopro cardíaco, sintomas de palpitação, síncope, falta de ar, dor torácica, ou portadores de diversas doenças cardíacas como doenças do músculo cardíaco (infarto do miocárdio, miocardiopatias), insuficiência cardíaca, doenças das valvas, anomalias congênitas, entre outras. (RÊGO, 2008).

competências e desempenho dos deficientes no dia a dia, nos estudos, nos esportes, no lazer, nas atividades culturais e em qualquer outra.

Quando a criança atingiu os cinco anos de idade a mãe resolveu mudá-lo de escola, conforme dito anteriormente, acreditando que seria melhor para ele estar em meio a outras crianças sem necessidades especiais. Resolveu então procurar a melhor escola da cidade. Mas, para sua decepção, a diretora disse que o certo seria ele estudar com crianças iguais a ele, porque com crianças “normais” ele não iria aprender nada.

Segundo a mãe, seu filho também parece ter sentido esta hostilidade e não quis entrar na escola de modo algum, como se tivesse adquirido “medo” de entrar, semelhante a quando entrava em um hospital. Dessa forma, tanto a mãe quanto a avó conversaram com outras pessoas que lhe sugeriram outra escola particular na qual poderiam aceitá-lo. Visitaram a escola, foram muito bem recebidos, tanto a família quanto a criança, que até hoje (outubro de 2014) ele a frequenta.

Quanto à questão da socialização, a mãe relata que o filho sempre foi muito bem acolhido por toda a família. Na época era a única criança da família, então todos tratavam com muito carinho, principalmente a tia que tem muito cuidado e dedica atenção especial a ele. Apesar de todo esse carinho, a avó procurou corrigi-lo e educá-lo do mesmo modo como criou as filhas, sempre chamando a atenção quando necessário.

Essa postura de educá-lo rigidamente, sem muitas resalvas por sua condição diferenciada, é importante para sua socialização, uma vez que impõe limite às suas ações e vontades, delega responsabilidades e o estimula a uma realidade que encontrará na sociedade fora de sua casa. Como visto teoricamente no primeiro capítulo e confirmado nos parágrafos abaixo, as aulas de música também contribuem para desenvolver sua interação social.

A mãe sempre notou o gosto do filho pela música e gostaria de estimular seu desenvolvimento naquela área. Relatou que desde bem novo ele “fugia” para a casa da vizinha para brincar em um teclado infantil no qual ficava apertando os botões para ouvir o som dos animais.

Familiares viam o interesse da criança e inclusive o presentearam com um teclado. Logo depois a mãe comprou um violão, depois um berrante e sempre colocava música para

ele ouvir. Até mesmo músicas mais antigas que ele ouvia quando mais novo, vez ou outra eram cantadas novamente surpreendendo sua mãe.

Quando a criança atingiu oito anos e a mãe já havia retornado para cidade, esta resolveu procurar a escola de música, por já conhecer trabalho realizado com crianças no local e por perceber o gosto que seu filho tinha pela música. A partir disso, foi visitar a escola acompanhada por sua irmã, que ao ver as escadas e sacada desistiu imediatamente de matriculá-lo. Contudo, voltaram três anos depois e inscreveram-no na aula, acreditando ser aquele o momento apropriado.

Felipe está há dois anos na escola de música. Gosta de frequentar as aulas e quando a mãe diz que é dia de aula de música ele já se prontifica, se arruma sozinho para ir à escola. A mãe revela que a interação com os colegas é importante para seu desenvolvimento social. O próprio entusiasmo em frequentar as aulas de música já é um grande fator positivo, pois, estimula sua iniciativa, o deixa disposto para a escola regular e o torna mais comunicativo com os colegas.

Koellreutter (1998), educador musical e conceituado compositor alemão naturalizado brasileiro, afirma que a música é um meio de desenvolver faculdades para o exercício de qualquer atividade. De acordo com suas palavras, a música trabalha a concentração, a autodisciplina, a capacidade analítica, o desembaraço, a autoconfiança, a criatividade, o senso crítico, a memória e a sensibilidade. Além disso, desenvolve valores qualitativos do ponto de vista religioso, político e social. Sendo assim, ela é importante para a formação de todas as pessoas, pois, como afirma Gainza (1988, p. 46) “a música pode, ao penetrar no homem, romper barreiras de todo tipo, abrir canais de expressão e comunicação e induzir a modificações significativas na mente e corpo”.

3.3 MARIANA E SUA MELHORA NA COMUNICAÇÃO

Na terceira entrevista temos uma tia, Sandra, que acompanha mais de perto o desenvolvimento da sobrinha, Mariana em suas atividades diárias, pois a mãe faleceu há cerca de dois anos e a família concordou que o melhor seria morar com os avós e também mais próximos das tias.

Sobre a gestação, Sandra relata que foi uma gravidez com certo risco após o sétimo mês, mas o médico disse que essa situação era normal e que necessitaria somente de repouso. Somente no segundo mês de vida da criança é que a mãe detectou, por meio de sua experiência como segundo filho, que havia alguma coisa diferente, pois, segundo ela, a cabeça do bebê não estava crescendo de maneira normal.

Consultou um pediatra e o mesmo a encaminhou para um neurologista, onde iniciaram uma bateria de exames e como o diagnóstico inicial foi drástico resolveram procurar outros especialistas. Refizeram exames até chegarem ao diagnóstico de paralisia cerebral devido a uma má formação no lobo frontal.

No início foi um choque para toda família, para os pais foi a pior notícia que haviam recebido em suas vidas. Mas foram buscando especialistas e foram encaminhados para tratamento no Hospital Sarah Kubistchek em Brasília, onde até hoje ela é acompanhada. Descobriram que o problema era relativamente grave, mas não tanto como o primeiro médico havia diagnosticado.

A família acolheu e auxiliou a criança em tudo que pôde, o irmão que é quatro anos mais velho sempre foi muito carinhoso, as crianças que estão por perto dela aprenderam a conviver e tratam-na normalmente.

Mariana iniciou na escola regular muito cedo, pois sua mãe era professora em uma escola particular em Goiânia, onde moravam. Por isso, desde bem nova a criança acompanhava a mãe para a escola. Porém, na escola onde trabalhava não havia nenhum acompanhamento para crianças especiais. Posteriormente, após o falecimento da mãe, resolveram trazê-la para Ceres e matriculá-la em uma escola inclusiva melhorando assim seu desenvolvimento social e educacional, pois a escola procura envolvê-la em todas as atividades educacionais e extracurriculares.

A tia relata que a criança tem se tornado bastante independente. Possui os cuidados que uma pessoa especial necessita, mas deixam-na livre para enfrentar suas dificuldades, observando seus limites bem de perto e auxiliando quando necessário, mas sem proteções demasiadas, pois percebem que se proteger exageradamente ela não irá se desenvolver.

Quanto à relação com a música, a criança tem duas primas que já frequentam a aula há cerca de quatro anos. Então como mantém contato muito próximo com as primas sempre as

viu tocando, participando dos recitais e gosta muito de estar envolvida nesse ambiente: ouvir as primas tocando e cantando, ouvir música em casa e participar dos louvores na igreja.

Assim que mudou para Ceres matricularam-na na aula de música, há cerca de um ano e cinco meses. A família percebeu que a música a ajudou a ficar mais tranquila, pois era uma criança muito agitada. A tia disse que a criança não tinha paciência nem para assistir a um DVD e hoje já consegue se concentrar e assistir um filme inteiro, inclusive, assiste por completo o DVD do recital que participou.

Sandra salienta que em relação à concentração, as aulas de música colaboraram bastante. Retrata que “Antes não se concentrava em nada, não montava quebra-cabeça, logo mudava de atividade, a fala era meio enroladinha” e que “hoje vê estampado no rosto dela a felicidade ao falar que já está tocando o ‘bife’ (básico) no teclado”.

A educação musical, por sua vez, norteia o aprimoramento da audição, dicção, coordenação motora e percepção, o que termina por contribuir com a concentração e, portanto, favorecendo grandes avanços, não só no aspecto intelectual, mas também nas áreas sociais e afetivas.

A tia continua relatando que a criança tem facilidade de comunicar-se com as pessoas e que o contato com a música também tem estimulado essa comunicação. Pela criança ser um pouco tímida, a música tem a ajudado bastante a se tornar cada vez mais comunicativa. Atualmente, por exemplo, ela sobe em um palco tranquilamente e já até auxilia nos louvores na igreja.

Outro fato que a tia julga ter melhorado demais foi quanto à memorização. Aprender uma música do começo ao fim era coisa que ela não conseguia fazer e hoje faz. Os familiares também percebiam que a coordenação motora da criança era muito rígida ao tocar o teclado e que hoje a mão dela já está mais leve e sensível ao manusear o instrumento.

Sandra ressalta também que o incentivo da família contribui muito para o desenvolvimento da sobrinha. Shepherd (1996) atribui o crescimento do potencial e desenvolvimento de uma criança à presença de adultos dedicados e de um ambiente estimulante, assim o desenvolvimento da criança não poderia ser considerado separadamente da unidade familiar que ela pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas com os pais e responsáveis das crianças com deficiência intelectual que frequentam a aula de música puderam demonstrar a real importância dessas aulas para o desenvolvimento intelectual e nas mais diversas áreas do psicológico e do convívio humano.

No caso do aluno Aaron, que possui Síndrome de Down, a própria mãe o colocou na aula de música, pois considerou que seria interessante para o desenvolvimento dele. Quando o matriculou na escola regular, achou interessante a postura da diretora que de prontidão recebeu seu filho com atenção. As professoras que deram aula para a criança sempre foram dedicadas em inserir atividades que estimulassem sua evolução.

Cleide, mãe de Aaron, percebeu que seu filho normalmente é mais lento que os demais na execução das atividades, porém isso não é impedimento para que ele faça suas tarefas. As aulas de música trouxeram mais mobilidade para seu cotidiano, além disso, ela diz que as aulas têm a propriedade de acalmá-lo. Por fim, ela disse que seu filho evoluiu e apresenta melhorias continuamente, além disso, acrescentou que confia no potencial dele em superar as dificuldades, principalmente com o auxílio da música.

Julianne, mãe de Felipe, comentou que a princípio a família quis rejeitar a doença do filho, que possui Síndrome de Down, porém perceberam que não era esse o caso. Dessa forma, a criança desde os nove meses de vida frequentou a APAE onde permaneceu até os cinco anos, recebendo toda a educação especial que precisava.

Em seguida passou a frequentar a escola regular onde tem tido um bom aprendizado pela disposição da escola em auxiliá-lo. Como sempre gostou de música, a criança tem demonstrado grande interesse pelas aulas. Sua disposição e autoestima melhoraram em todas suas atividades, a comunicação e receptividade também tiveram aprimoramento, ou seja, as aulas de música têm sido um grande apoio para o desenvolvimento dele.

O caso de Mariana é aparentemente possui o diagnóstico clínico mais severo entre os três por conta da paralisia cerebral. A criança foi cuidada pela tia Sandra logo que a mãe faleceu quando tinha sete anos. Desde muito cedo frequentou a escola regular onde sempre foi bem acolhida e teve ensino apropriado para suas dificuldades.

Influenciada pelas primas que fazem aulas há algum tempo a aluna desde cedo teve contato com a música. Quando passou a frequentar as aulas, sua evolução foi grande. Como relatado por sua tia, houve grande melhoria na capacidade de concentração, coordenação motora, comunicação, memorização e equilíbrio emocional. Dessa forma, talvez tenha sido a aluna que mais tenha se desenvolvido entre os três.

Características comuns puderam ser observadas quanto aos principais pontos de evolução nas crianças analisadas: melhorias no equilíbrio emocional (tranquilidade), capacidade de concentração e capacidade de comunicação. Outro ponto interessante para a evolução deles é o apoio da família e a Educação Inclusiva que recebem na escola regular.

Conforme foi abordado no primeiro capítulo, sobretudo o que diz Loureiro (2006), os estudos têm demonstrado que o uso e aprendizado da música contribuem em grande medida para o desenvolvimento educacional global das pessoas com necessidades especiais no que se refere à sua adaptação social, autocontrole, estabilidade emocional, aumento da concentração, percepção sinestésica, coordenação motora e aumento da motivação devido à satisfação na obtenção de conhecimentos.

Koellreutter (1998) ainda afirma que a música é um meio de desenvolver faculdades para o exercício de qualquer atividade. De acordo com suas palavras, a música trabalha a concentração, a autodisciplina, a capacidade analítica, o desembaraço, a autoconfiança, a criatividade, o senso crítico, a memória e a sensibilidade.

A educação musical é, portanto, um importante instrumento para o processo de aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual. Ela contribui, como visto no decorrer deste trabalho, para o desenvolvimento pleno do aluno, colaborando para estimular não apenas suas capacidades intelectuais, mas também seu aprendizado musical e evolução em outros aspectos de sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Cristina Brito da. **Sobre KODÁLY e o seu conceito de educação musical:** abordagem geral e indicações bibliográficas. Associação Portuguesa de Educação Musical, 1998.

DOMINGOS, Mariza Aparecida. **A escola como espaço de inclusão:** sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais. Dissertação de Mestrado em Educação: Departamento de Educação, PUC-MINAS GERAIS, 2005.

FERNANDES, J. N. Pesquisa em educação musical: situação no campo das dissertações e teses dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação. In: **Revista da ABEM**, nº. 5, p.45-57. Porto Alegre: ABEM, 2000.

FERREIRA, W. B. Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? Brasil. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. Inclusão – **Revista da Educação Especial**. (Saberes e práticas da Inclusão; 4). Ano 1 – Nº 01 – Outubro de 2005, Brasília, DF: MEC, SEESP, 2003.

FRIAS, Elzabel Maria Alberton; MENEZES, Maria Christine Berdusco. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais:** contribuições ao professor do Ensino Regular. Artigo desenvolvido pelo PDE/SEED –PR (Programa de Desenvolvimento Educacional / Secretária Estadual de Educação do Estado do Paraná) 2008-2009.

GAINZA, V.H. **Estudo de psicopedagogia musical.** Trad. Beatriz A. Cannabrava. Coleção novas buscas em educação. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GREGORY, A. H. **The roles of music in society: the ethnomusicological perspective.** In D. J. Hargreaves & A. C. North (Eds.). *The social psychology of music.* (pp. 123-140). Oxford: Oxford University Press, 1997.

HELLER, G. N. ***Ideas, initiatives, and implementations: Music Therapy in America***, 1789 - 1848. *Journal of Music Therapy.*, v.24, p.35-46, 1987.

HURON, D. (1999). *Lecture2: An instinct for music: Is music an evolutionary adaptation?* In: **The 1999 Ernest Bloch Lectures.** Disponível em: www.musiccog.ohiostate.edu/Music220/Bloch.lectures/2.Origins.html Acesso em: 09/02/06.

ILARI, B. S; MAJLIS, P. **Children's songs from around the world: An interview with Francis Corpataux.** Music Education International, 2002.

KIRK, S. A. e J. J. GALLAGHER. *Educating Exceptional Children.* Boston: Houghton Mifflin Co., 1979.

KRAFT, I. *Music for the feeblemind in nineteenth-century America. Journal of Research in Music Education*, v.11, p.119-122, 1963.

KOELLREUTTER, Entrevista com Hans por Alexandre Pavan -Joachim Koellreutter. *In: Revista Mensal do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo*, ano 25, nº 207, julho de 1998.

LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. **Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino.** Dissertação (Mestrado) UFMG, 2006.

LUDWIG, M.E.; VIANA, A. Musicalização e deficiência mental. *In: CHACON, M. C.M.(Org.). Qualidade de vida para as pessoas com necessidades especiais – Coletânea de Textos da IX Jornada de Educação Especial.* Marília: FFC/Unesp, 2008. CD-ROM.

MANTOAN M. T. E. **Compreendendo a deficiência mental:** novos caminhos educacionais. Scipione, 1989.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial.* Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MARTINS, L. de A. R. Educação integrada do portador de deficiência mental: alguns pontos para reflexão. *In: Revista Integração.* Brasília-DF, n.1, p.27-34, 2002.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MICHELETTO, Franciane Sonni Martins. **Ensino de arte para alunos com deficiência: relato dos professores.** 2009. Disponível em:

<http://www.marilia.unesp.br/Home/Posgraduacao/Educacao/Dissertacoes/micheletto_fsm_me_mar.pdf>. Acesso em 28/06/2014.

MONTESSORI, M. *The Montessori elementary material*. Cambridge: Copyright 1912 by Frederic A. Stokes Company. Mass: Robert Bentley, Inc,(The Exceptional Child), 1965.

MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade** : a identidade humana. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PETERS, J. S., Ed. **Introdução à Musicoterapia**. Springfield, Illinois.: Charles C. Thomas Publishered. 1987.

RÊGO, Antônio Guedes do (Org.). **Anormalidades cardiovasculares e metabólicas em pacientes com a Síndrome de Berardinelli-Seip**. Natal-RN: Artigo Científico publicado pela UFRN, 2008.

ROCHA, CarmemMettig. **Textos da Pedagogia Willems** – Algumas considerações sobre a aula de Iniciação Musical.

ROSA, N.S.S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

ROSS, P. R. Educação e Trabalho. A conquista da diversidade ante as políticas neoliberais. *In*: L. Bianchetti e I. M. O. Freire (Ed.). **Um olhar sobre a diferença**: interação, trabalho e cidadania. Campinas: Papirus, 2000.

SACKS, O. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. Trad.: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SANTOS, Priscila Fernandes de Oliveira. **A educação musical e a Síndrome de Down**. XVII Encontro Nacional da ABEM. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/108%20Priscila%20Fernandes%20de%20Oliveira%20Santos.pdf>>. Acesso em 01/06/2014.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

SHEPHERD, R. B. Introdução à pediatria: a criança, seus pais e o fisioterapeuta. *In*: **Fisioterapia em pediatria**. 3. ed. São Paulo: Ed. Santos, 1996.

SMITH, R. M. e J. T. NEISWORTH. *The Exceptional Child: A Functional Approach*. New York: McGraw-Hill, Inc., 1975.

SOLOMON, A. L. *Music in special education before 1930: hearing and speech development. Journal of Research in Music Education*, v.28, p.236-242, 1980.

STRIEDER, Roque; ZIMMERMANN, Rose Laura Gross. **A inclusão escolar e os desafios da aprendizagem**. Artigo desenvolvido com apoio do PIBIC/CNPQ e FAPE Unoesc São Miguel do Oeste/SC. 2010.

TREFFERT, D. A. *Savant Syndrome: Frequently Asked Questions*: Wisconsin Medical Society. 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URICOECHEA, A.S. **Construindo sons e suas ressonâncias: uma ampliação do “setting” musicoterápico**. In: Revista Brasileira de Musicoterapia. Rio de Janeiro: UBAM, ano II, nº 3, 2003.

VIGOTSKY, L.S. *Fundamentos de Defectología*. Obras Completas, Tomo V, ed. *Pueblo y Educación, Ciudad de la Habana*. Cuba, 1995.

WILLEMS, E. *El valor humano de la educación musical*. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1962.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTAS DE CESSÃO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E
DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO

Eu, Flávia Ferreira da Silva Oliveira,
RG 2643141-SSP GO, responsável pelo
menor Aaron Gonçalves de Oliveira Filho
declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre a entrevista realizada
em 17/09/14 para o pesquisador
Flávia Rosa Carneiro, RG
2610287, matrícula

11/0044746 estudante do curso de Licenciatura em Música a
Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta
de dados da pesquisa intitulada

Educação musical: Um estudo sobre o processo de ensino,
para o estudante com deficiência intelectual.
cujo objetivo geral é

Investigar a partir da visão dos pais como a aprendizagem
de música pode colaborar no desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual.
Cedo os direitos da participação do menor

Aaron Gonçalves de Oliveira nesse trabalho, sendo essa de caráter
voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser
utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou
citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em
publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão
sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador
Ultona Dias Campos Ferlin.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou
vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão
posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será
utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra
situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar a identidade de Flávia Ferreira da Silva Oliveira de acordo com uma das
opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X),
desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-
científica.

Aaron Silva

<input checked="" type="checkbox"/>	Identidade utilizando nome e sobrenome
<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas o primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email claudiaferreira02@hotmail.com.br, telefone (62) 3307-1891 - 8415-6612, ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado de posse de uma cópia desse documento.


Assinatura do Responsável Legal

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E
DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO**

Eu, Felipe Tavaras Rodrigues Soares,
 RG 4070040, responsável pelo
 menor Felipe Tavaras Soares
 declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre a entrevista realizada
 em 15/10/14 para o pesquisador
Flávia Rosa Carneiro, RG
2610287, matrícula
11/0044746 estudante do curso de Licenciatura em Música a
 Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta
 de dados da pesquisa intitulada
Educação musical: Um estudo sobre o processo de ensino
para o estudante com deficiência intelectual.
 cujo objetivo geral é
Investigar, a partir das visões dos pais, como a aprendizagem
de música pode colaborar no desenvolvimento do aluno com deficiência
 Cedo os direitos da participação do menor Intelectual
Felipe Tavaras Soares nesse trabalho, sendo essa de caráter
 voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser
 utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou
 citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em
 publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão
 sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador
Uliana Dias Campos Ferlin.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou
 vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão
 posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será
 utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra
 situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar a identidade de
Felipe de acordo com uma das
 opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X),
 desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-
 científica.

<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando nome e sobrenome
<input checked="" type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas o primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email fulianne.bibi@hotmail.com, telefone 8583-6050 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado de posse de uma cópia desse documento.

Fulianne Tavares Rodrigues Soares
Assinatura do Responsável Legal

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E
DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO**

Eu, Sandra Braga Souza e Silva,
 RG 2768693 - 2ª via - DGPC-W, responsável pelo
 menor Mariana Evangelista de Souza
 declaro para os devidos fins que cedo os direitos sobre a entrevista realizada
 em 14/09/14 para o pesquisador
Flávia Rosa Carneiro, RG
2630287, matrícula
1310044746 estudante do curso de Licenciatura em Música a
 Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta
 de dados da pesquisa intitulada
Educação Musical: Um estudo sobre o processo de ensino
 cujo objetivo é para os estudantes com deficiência intelectual
Investigar a partir da visão dos pais como a grande
zangem da música pode colaborar no desenvolvimento do futuro com
 Cedo os direitos da participação do menor deficiência intelectual
Mariana Evangelista de Souza nesse trabalho, sendo essa de caráter
 voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser
 utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou
 citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em
 publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão
 sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador
Valéria Dias Campos Silva.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou
 vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão
 posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será
 utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra
 situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar a identidade de
Sandra Braga / Mariana Evangelista de acordo com uma das
 opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X),
 desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-
 científica.

<input checked="" type="checkbox"/>	Identidade utilizando nome e sobrenome
<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas o primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email Sandra.Bezerra@educ.rr.gov.br, telefone 96935360 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado de posse de uma cópia desse documento.

Sandra Bezerra Souza e Silva
Assinatura do Responsável Legal

APÊNDICE B - GUIA DE ENTREVISTA

- Identificação

- Fale-me sobre como foi o período da gestação? Em algum momento durante a gestação vocês pensaram da possibilidade do bebê nascer com algum problema?
- Como você se sentiu quando da constatação, no nascimento de xxxxxxxx, que ele era portador da Síndrome de Down ou de deficiência intelectual?

EDUCAÇÃO ESPECIAL = EDUCAÇÃO INCLUSIVA

- Quais são as maiores dificuldades encontradas na inclusão de seu filho na escola regular?
- Vocês, pais, receberam ou recebem alguma orientação ou apoio de algum profissional para lidar com seu filho?
- Você acredita ser necessário fazer adaptações nas atividades propostas ao aluno deficiente?
- Você acredita que a música pode contribuir para a inclusão social do aluno com deficiência? Por quê?

APRENDIZADO

- Como que foi o momento em que ele(a) entrou na escola de música? Houve algum desafio a ser superado? Se houve, qual?
- Quais são as expectativas com o seu filho daqui para frente?
- Ele gosta de participar das aulas de musica?

SOCIALIZAÇÃO

- Como é que você percebe sua convivência com xxxxx na família? Com os irmãos? Com os avós?
- Como é o tratamento da família com o filho? Há superproteção por ser uma criança com Síndrome de Down?
- Acha que a superproteção pode dificultar o relacionamento da criança em outros ambientes?

- Como ele se comunica com os outros? Interação com os demais colegas?
- O que significa superproteção para você?